

A INSERÇÃO E ATUAÇÃO DA MULHER NO MAGISTÉRIO: UM ESTADO DA QUESTÃO

Francinalda Machado Stascxak¹

Juliana Silva Santana²

Tereza Cristina Lima Barbosa³

RESUMO

No Brasil, a inserção da mulher no magistério se deu a partir das últimas décadas do século XIX vinculada à modernização da sociedade. Espaços públicos como a sala de aula foram sendo conquistados lenta e gradualmente, mas à custa de reivindicações e de eloquentes debates. O que fez da luta por emancipação uma questão bem recorrente para as mulheres nesse contexto de rompimento de barreiras. O presente estudo investigou quais as produções científicas desenvolvidas nos últimos dez anos no Brasil sobre a inserção e atuação da mulher no magistério, tendo como objetivo geral conhecer tal produção no período de 2008 a 2018, período este que consideramos adequado à proposta aqui pretendida. O referencial teórico se deu a partir dos estudos de Almeida (2014), Louro (2004), Nóbrega-Therrien e Therrien (2004), Perrot (2019), dentre outros. Como metodologia, utilizou-se a pesquisa do tipo Estado da Questão, com coleta de dados realizada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Os resultados apontaram que as mulheres são objetos de pesquisas, na sua maioria, históricas, que buscam traçar um panorama de suas lutas e dos espaços conquistados ao longo dos anos, sobretudo, o educacional.

Palavras-chave: Estado da Questão, Feminização do magistério, História da Educação.

INTRODUÇÃO

Seria difícil imaginar hoje o mercado de trabalho sem a presença da mulher atuando e desempenhando papéis diversos; inclusive em áreas que antes eram prioritariamente masculinas. Com atuação restrita apenas ao ambiente doméstico, o instigante e vasto mundo externo fazia parte do imaginário feminino como um espaço em potencial a ser conquistado.

A busca pela igualdade de gênero teve, até agora, um longo e hostil itinerário, pois a mulher não era considerada um ser cognitivamente capaz de realizar certas tarefas além dos afazeres domésticos. Contudo, a conquista do direito de ocupar os mesmos espaços públicos que os homens, deu-se de forma lenta e gradual, ainda que, em muitos casos, sob forte pressão e controle.

A educação foi, nesse sentido, utilizada como instrumento para que pudessem alcançar tal objetivo. Essa entrada se deu de forma incipiente, no final do século XIX quando o âmbito educacional crescia, sinalizando assim, a necessidade de contribuição da mulher para educar

¹ Especialista em Formação de Formadores pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, naldastascxak@gmail.com;

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará- UFC, juliana.santana@uece.br.

³ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, terezarrafael@gmail.com

as crianças pelo fato de se atribuir à docência um caráter materno e ao mesmo tempo doméstico.

Inspiradas nesse contexto, definiu-se como objetivo desse estudo analisar as produções científicas desenvolvidas no Brasil nos últimos dez anos (2008-2018) sobre a inserção e atuação da mulher no magistério, reconhecendo que a mulher tem papel preponderante no contexto escolar, não apenas na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, mas em todos os níveis educacionais.

A partir dessa visão, faz-se necessário fundamentar teoricamente acerca do acesso feminino aos mais diversos setores da sociedade, aqui em particular, a escola. Para tanto, como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica do tipo Estado da Questão em que se fez um mapeamento a fim de localizar lacunas a partir da análise das pesquisas desenvolvidas sobre o tema nos últimos dez anos.

Nesse sentido, observou-se que os trabalhos mostraram, por diferentes enfoques, a situação da mulher no Brasil desde o início da República até os dias atuais, revelando que a escolarização foi fundamental para a profissionalização feminina e a construção da sua identidade como mulher/profissional/mãe. Abre-se, assim, a oportunidade e necessidade de novas discussões e reflexões sobre tal realidade.

METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico, um estudo como o Estado da Questão se classifica como qualitativo, por traçar, através das pesquisas publicadas, um panorama dos avanços e limites dos estudos realizados nos últimos dez anos em que a mulher seja o objeto de pesquisa. De acordo com Minayo, esse tipo de pesquisa concentra-se no “universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz” (MINAYO, 2013, p. 21).

A pesquisa bibliográfica se baseia na análise das produções acadêmicas publicadas em artigos, livros, teses, dissertações e revistas científicas disponibilizadas virtualmente para consultas. Oliveira, afirma que se trata de “um estudo direto em fontes científicas, sem precisar recorrer diretamente aos fatos/fenômenos da realidade empírica”, e que, certamente, “[...] as fontes a serem pesquisadas já são reconhecidamente do domínio científico” (OLIVEIRA, 2014, p. 69). Destarte, as pesquisas denominadas Estado da Questão são feitas a

fim de conhecer o panorama dos estudos realizados sobre determinado tema de interesse situadas num dado momento (NÓBREGA-TERRIEN E TERRIEN, 2011).

Essa investigação teve, no seu percurso metodológico, o levantamento de dados a partir de consultas realizadas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) a fim de localizar produções sobre o tema proposto.

O PERCURSO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO

Para elaboração do Estado da Questão, o percurso metodológico desenvolvido se deu a fim de localizar dissertações, teses e artigos científicos que trouxessem, primeiramente, no título, a formação e/ou atuação da mulher no magistério. Para tanto, consultamos a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e a base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Na BDTD, o descritor utilizado foi: *mulheres no magistério*. O que nos levou a um resultado de noventa e três (93) trabalhos. Já a pesquisa na SciELO, utilizando o mesmo descritor, não obteve nenhum resultado. Desta forma, ao utilizarmos o descritor *mulheres e professoras* nos retornou o quantitativo de trinta e três (33) artigos.

Nessa etapa, foram identificados cento e vinte e seis (126) trabalhos. Considerando a pertinência a partir do título, das palavras-chave e da leitura dos resumos, foram selecionadas quarenta e uma (41) pesquisas, sendo vinte e uma (21) dissertações, sete (7) teses e treze (13) artigos para a feitura do Estado da Questão. O recorte temporal desse estudo compreende os trabalhos realizados por pesquisadores das instituições de ensino superior no Brasil e de publicações em periódicos nacionais e internacionais nos últimos dez anos (2008 a 2018). A Tabela 1 sistematiza o quantitativo encontrado.

Tabela 1 – Síntese quantitativa dos trabalhos identificados e selecionados a partir das fontes de dados

Descritores	Fonte	Total de trabalhos relacionados ao tema	Total de trabalhos selecionados
Mulheres no magistério	BDTD	93	25
Mulheres/professoras	SciELO	33	13

Fonte: Elaborado pelas autoras

Ainda que os resultados das pesquisas tenham apresentado ampla quantidade de trabalhos relacionados aos descritores submetidos, boa parte delas se referem ao tema de

modo generalizado como, por exemplo, a formação de professores ou a sua historiografia, o que justifica a quantidade selecionada para análise nesse estudo.

A MULHER NO MAGISTÉRIO: UM POUCO DA HISTÓRIA

Vestida de azul e branco
Trazendo um sorriso franco
No rostinho encantador
Minha linda normalista
Rapidamente conquista
Meu coração sem amor
(Nélson Gonçalves)

A epígrafe acima nos permite iniciar a conversa a partir da letra da música “Normalista” interpretada por Nélson Gonçalves. O olhar que se lançava sobre a mulher como estudante da Escola Normal nem sempre teve esse traço poético. A liberdade para poder se locomover nos espaços públicos foi um processo longo, o que significou, em muitos casos, depender da permissão do pai ou do marido.

Desse modo, a inserção feminina na Educação se deu em circunstâncias nada favoráveis. Imersas em um contexto de lutas, foi inevitável despender grandes esforços a fim de ultrapassar barreiras fortemente embasadas pelos dogmas da Igreja, bem como por protestos e opiniões contrárias para impedi-las de desempenhar um trabalho remunerado.

Em virtude disso, a formação e o trabalho feminino sempre estiveram em constante vigilância. Contudo, mesmo com seu tempo, suas ações e seus espaços regulados, as mulheres foram encontrando modos de se fazerem presentes ainda que tivessem tantos agentes limitantes. Almeida assevera que o trabalho docente feminino:

[...] se encontra atrelado ao modelo de normatização exigido pelas regras masculinas e que são representativas do que a sociedade impõe ao comportamento das mulheres. As construções ideológicas, que ao longo dos séculos foram baseados na pretensa inferioridade das mulheres, determinam as representações sociais acerca da imagem feminina e prestam-se para alimentar o controle sobre sua autonomia pessoal e profissional (ALMEIDA, 2014a, p. 129).

Predominantemente masculino, o espaço educacional foi se abrindo, ainda que com ressalvas, à atuação das mulheres. Na história da educação brasileira, a mulher foi se fazendo presente a partir da necessidade de suprir as demandas de alunos nas escolas e também pela quantidade insuficiente de homens na educação básica. As mulheres foram então, vistas como ideais para suprir essa carência. Tidas como carinhosas e mães em potencial, os alunos seriam tratados como filhos.

Dessa forma, sobre a questão da crescente manifestação popular favorável ao exercício da docência feminina, Louro, enfatiza que se trata de “uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e “naturais educadoras”, portanto nada mais adequado que lhes confiar a educação escolar dos pequenos” (LOURO, 2004, p. 450, grifo da autora).

Corroborando com essa ideia, Perrot afirma que “a feminização é um processo complexo que leva em conta a idade das crianças e a concepção que se faz de sua aprendizagem” (PERROT, 2019. p. 126). A partir dessa perspectiva, a mulher atendia aos principais requisitos para lidar com as crianças visto que se acreditava que o papel maternal inerentemente feminino se estenderia, por extensão, à professora.

No imaginário popular, construía-se uma alegoria da tríade mulher-mãe-professora, como sendo a única capaz de conduzir a educação das crianças pequenas com perfeição sem que imprevistos atrapalhassem os processos, pois, segundo imaginavam, diante dos laços fortes de amor que eram criados, era suficiente o bastante para que o trabalho fosse desempenhado sem maiores intercorrências (ALMEIDA, 2014b).

Essa ideia não perdurou por muito tempo, fatores políticos, econômicos e culturais, externos ao contexto escolar, mas que exercem influência direta sobre ele a fizeram cair por terra. Almeida assevera que no final do século XX:

já se demonstraria a fragilidade dessa crença perante a aridez do panorama social fundido com o agravamento das desigualdades. Isso porque, nem mulheres, nem homens na sala de aula possuíam ou possuem o poder inerente de atuar decisiva e objetivamente nas armadilhas do sistema capitalista e capitanear uma educação voltada para a paz e à igualdade social (ALMEIDA 2014b, p. 58).

Conforme o Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2019, o cenário mostra que da Educação Infantil ao Ensino Médio, o quantitativo de mulheres é preponderante em relação ao de homens. A Tabela 2 foi elaborada a fim de demonstrar esses dados:

Tabela 2 – Professores na Educação Básica, distribuídos por etapa e por sexo - 2018

Etapa	Mulheres	Homens	Total
Educação Infantil	570.007	19.886	589.893
EF – Anos Iniciais	677.086	85.798	762.884
EF – Anos Finais	521.294	242.537	763.831
Ensino Médio	303.212	210.191	513.403
TOTAL	2.071.599	558.412	2.630.011

Fonte: Elaborado pelas autoras

Diante da constituição atual do quadro de docentes na Educação Básica no Brasil, predominantemente feminina, os dados obtidos mostram que, de aproximadamente 2,6 milhões de professores que atuam da Educação Infantil ao Ensino Médio, aproximadamente 2

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

milhões (cerca de 80%) são do sexo feminino e um pouco mais de 558 mil (cerca de 20%) são do sexo masculino. O que corresponde a uma diferença percentual alta quando a questão envolve o gênero do docente, ou seja, quanto menor a idade do estudante, mais alto é o número de docentes do sexo feminino.

Já quando o assunto é o nível superior, os dados tendem a se inverter. De acordo com o Censo da Educação Superior de 2016, apesar de não informar o quantitativo de homens e mulheres que atuam nesse nível da educação, enfatiza-se que o sexo dos docentes com mais incidência é o masculino, tanto na rede privada quanto na rede pública. O que nos leva a observar que se trata do oposto dos números apontados na Educação Básica, em que os homens são minoria. As mulheres ainda não conseguiram ter igualdade de condições no que concerne à formação necessária e ao ingresso nos níveis mais altos, e, por conseguinte, obter remunerações melhores.

Ao longo do tempo as reivindicações, as lutas, os desafios, as angústias, as condições de trabalho que marcaram a trajetória feminina como profissionais da educação, vieram carregadas também de muitas conquistas, porém ainda há o que se repensar, que se reivindicar por políticas públicas que favoreça a mulher enquanto ser capaz de desempenhar qualquer papel, se assim ela quera.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da leitura dos resumos das teses e dissertações é notório que se ocupam, principalmente, com os aspectos históricos da inserção da mulher no magistério como exprimem os trabalhos de VIEIRA (2013), ALVARENGA (2018), PRUDENTE (2009), TELLES (2015), ALCÂNTARA (2009), NASCIMENTO (2011). Suas pesquisas os levaram a caminhar à sombra das contribuições advindas das transformações na historiografia brasileira onde buscaram aproximar-se dos elos que dão sentido à relação entre as perspectivas da História das Mulheres (com ênfase nos estudos de gênero), da História Cultural e da História da Educação. Os autores focalizaram elementos que permearam a passagem de uma profissão inicialmente exercida exclusivamente por homens, para uma atividade profissional feminizada constatando que a história dessa inserção da mulher na profissão foi importante para entender os percursos de lutas, de conflitos que se estende até os dias atuais.

Já as pesquisas de ARAÚJO (2015), FLÔRES (2018), GATI (2009), ABREU (2008), DORNELAS (2017), MOREIRA (2008) apontaram para a feminização da docência, uma vez que, com novas necessidades políticas, econômicas e sociais, as mulheres passaram a ter um

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

novo papel na sociedade a partir de uma nova visão de infância e o acesso das meninas à escolarização, considerando a natural facilidade das mulheres para lidar com as crianças. Existia uma preparação da sociedade, em geral, para a aceitação de novas ideias que se pretendiam "modernas". Essa movimentação social se fez de baixo para cima, pela livre difusão das ideias, pelo convencimento, com farto uso da imprensa e por ações educativas, revelando a crença nos poderes da instrução e da educação para a implantação de uma desejada sociedade moderna, fundada na urbanização e industrialização. Com esse processo de feminização, a pesquisa permitiu-nos compreender que a escola e a mulher serão instrumentos essenciais no processo de modernização e mobilização do Brasil, para formar bons cidadãos, ordeiros e aptos ao trabalho. Nesse processo, ambos serão transformados.

Conforme os estudos de CUNHA (2009), CAETANO (2014) e OLIVEIRA (2009) foi possível perceber que se pautaram numa maior inserção feminina no mundo do trabalho, na constituição da identidade docente e ascensão social. O trabalho docente de mulheres se insere nos marcos do sistema patriarcal capitalista, em que este está num patamar de precarização acentuado. A ascensão social significou abrir novas perspectivas de trabalho em relação à família de origem. As mulheres resistiram e reconstruíram uma identidade positiva de si mesma, em uma sociedade que muitas vezes não se esforçou para incluí-las. Os estudos mostraram que a inserção massiva da mulher no mercado de trabalho não foi o suficiente para uma transformação nas relações de trabalho e divisão sexual do trabalho, prevalecendo ainda a concepção social dos papéis femininos relacionados à esfera doméstica e maternagem.

MORAES (2008) pesquisou sobre o campo da liderança feminina, especificamente das mulheres que se tornaram reitoras de instituições de ensino superior, pois constatou o crescente interesse da sociedade moderna, em geral, e das organizações, em particular, pela questão da mulher. Duas abordagens se sobressaem: uma prescritiva, com destaque para estudos que investigam as vantagens e desvantagens da mulher em relação à liderança, e outra descritiva, mais incipiente do que a primeira e cujos autores apontam um novo paradigma onde mulheres e homens são considerados iguais tanto quanto diferentes. Em seus achados constatou-se que ser mulher não foi a condição única determinante da trajetória das mulheres que se tornaram reitoras, mas sim, serem mulheres educadas, de classes médias ou altas da sociedade brasileira.

MACIEL (2014) e MACIEL e GARCIA (2018) abordaram a questão de gênero nas narrativas de professoras lésbicas, o modo como as professoras falam de si, enquanto mulheres engendradas aos seus alunos e aos seus pares e como elas significam esse momentos nas suas vidas; o modo como elas enfrentam e significam a lesbofobia nos espaços

educativos; e, por fim, o modo como elas transformaram algumas experiências de gênero em algumas experiências como docentes e evidenciou que nem todas as professoras lésbicas, por serem homossexuais ou bissexuais, tencionam ou problematizam o gênero nas escolas, mas que todas ao experienciar o gênero produzem alguns conhecimentos éticos sobre si, alguns saberes próprios e/ou particulares, com os quais elas, em alguns momentos, atuam nas escolas.

A partir da leitura dos resumos dos artigos analisados, constatou-se em MACIEL (2018) que as experiências das professoras lésbicas nas escolas produzem uma pedagogia que atua não apenas como questionamento dos padrões heteronormativos, mas como uma produção de conhecimento próprio pela qual elas reinventam suas identidades como professoras.

NICOLETE e ALMEIDA (2017), SOUZA (2016), PINHEIRO (2016) e LIMA (2013) tratam da profissionalização das mulheres, pois os anos iniciais do século XX contaram com uma imprensa periódica que exigia mais direitos para as mulheres, educação, instrução e o voto. Os resultados indicam que a profissionalização das mulheres continua alvo de preconceitos que há formas sutis de discriminação e segregação das mulheres na área, exigindo delas esforço adicional para terem o mesmo reconhecimento que os homens. Pesquisadores como CASTELAR *et al* (2015) evidenciaram que a escolarização, associada às relações de poder e saber, presentes na sociedade colabora com a difusão de estereótipos, tanto de raça quanto de gênero.

Nesse sentido os trabalhos passaram por diferentes enfoques da situação da mulher no Brasil desde o início da República até os dias atuais e, dessa forma, procuraram mostrar que a escolarização foi fundamental para a profissionalização feminina, bem como para a construção da sua identidade enquanto mulher, mãe e profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa análise, buscamos situar o percurso da escolarização da mulher até a sua profissionalização no magistério procurando abordar sua condição feminina no contexto educacional, familiar e escolar. Expressando que esse percurso histórico estava fundamentado principalmente na religião católica até o início da República, tornando o caminho, muitas vezes, conflituoso.

O ideal positivista teve grande influência na educação, uma vez que o conceito da mulher por natureza mãe e mulher submissa ao marido e à família, retratava também sua natural vocação para o trabalho de educar crianças nas escolas em substituição ao homem, ou

seja, ser professora pela própria natureza. Assim a chamada feminização do magistério não se referiu exclusivamente à forte presença das mulheres na profissão docente, mas, também, à mulher professora, estendendo sua nobre função materna exclusiva para seu lar, também para uma missão pública – educar crianças.

Portanto, a escolarização e, por conseguinte, a profissionalização da mulher teve significado para além de poder exercer algum tipo de trabalho remunerado, mas subjetivamente, por representar alguns tipos de liberdade, direito antes negado às mulheres, o que levou ao início do processo de rompimento de alguns padrões machistas e, em concomitância de autoconhecimento e empoderamento feminino, fatores importantes de serem sempre recorrentes, percebidos, documentados e refletidos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Janette Maria França de. **Relações de gênero e suas influências na escolha do curso de Pedagogia do Campus I da Universidade Federal do Maranhão**. 2008. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão – UFMA, 2008. Disponível em: <<http://tedebc.ufma.br:8080/jspui/handle/tede/153>>. Acesso em jun. de 2019.

ALCÂNTARA, Wiara Rosa Rios. **Uma vida no magistério: fios e meadas da história de uma professora paulista**. 2009. 238f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo – USP, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29042009-144617/pt-br.php>>. Acesso em jun. de 2019.

ALMEIDA, Jane Soares de. Vestígios para uma reinterpretação do magistério feminino em Portugal e no Brasil a partir do século XIX. In: SAVIANI, Dermeval [et al]. **O legado educacional do século XIX**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2014a.

_____. Mulheres na Educação: missão, vocação e destino? In: SAVIANI, Dermeval [et al]. **O legado educacional do século XX**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2014b.

ALVARENGA, Elda. **A inserção das mulheres no magistério capixaba: desdobramentos possíveis no trabalho docente no estado do Espírito Santo (1845-1920)**. 2018. 359f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/8536>>. Acesso em jun. de 2019.

ARAÚJO, Ana Cláudia Uchoa. **A feminização do magistério na educação a distância em perspectiva comparada: entre a professora tutora e a professora do passado**. 2015. 226f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará – UFC, 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14376>>. Acesso em jun. de 2019.

BRASIL – Anuário Brasileiro da Educação Básica – 2019. Disponível em: <<https://www.todospelaeducacao.org.br/uploads/posts/302.pdf>>. Acesso em ago. de 2019.

_____. Censo da Educação Superior – 2016. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf>. Acesso em ago. de 2019.

BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em jul. de 2019.

CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva. **Trabalho docente de mulheres em Goiânia-GO**. 2014. 139f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás – UFG, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/3003>>. Acesso em jun. de 2019.

CASTELAR, Marilda; [et al]. Brinquedos e brincar na vida de mulheres educadoras negras. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. vol. 19, n. 3, 2015.

CUNHA, Andrea da Silva. **De volta às aulas: o cotidiano de professoras-estudantes do PROLE - História/UFBA (2004-2007)**. 2009. 126f. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares, Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6375>>. Acesso em jun. de 2019.

DORNELAS, Camila Carrari. **Professoras-mulheres e mulheres-professoras: a condição feminina e os processos de subjetivação docente inscritos nas marcas e no funcionamento discursivo**. 2017. 168f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo – USP, 2017. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59140/tde-22052017-140335/pt-br.php>>. Acesso em jun. de 2019.

FLORES, Taís Pereira. **A (des) valorização do magistério: uma análise sobre a profissionalização e a valorização do magistério a partir do estatuto do magistério público do Rio Grande do Sul de 1954 e da experiência da deputada Suely de Oliveira**. 2018. 165f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/183147>>. Acesso em jun. de 2019.

GATI, Hajnalka Halász. **A educação da mulher no Recife no final do século XIX: ensino normal e anúncios de progresso**. 2009. 199f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3748>>. Acesso em jun. de 2019.

LIMA, Michelle Pinto. As mulheres na Ciência da Computação. **Rev. Estud. Fem.**, Vol. 21, No. 3, p. 793-816, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-481.

MACIEL, Patrícia Daniela. **Lésbicas e professoras: modos de viver o gênero na docência.** 2014. 178f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal de Pelotas – UFPel, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3345>>. Acesso em jun. de 2019.

MACIEL, Patrícia Daniela; GARCIA, Maria Manuela Alves. A lesbianidade como arte da produção de si e suas interfaces no currículo. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, vol. 23, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MORAES, Liege Viviane dos Santos de. **A trajetória de reitoras em Santa Catarina: ser mulher é apenas um detalhe.** 2008. 256f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91262>>. Acesso em jun. de 2019.

MOREIRA, Jairo Barbosa. **Mulheres docentes: saberes e fazeres na cidade garimpeira, Cristalândia - TO (1980-2007).** 2008. 185f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás – UFG, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2085>>. Acesso em jun. de 2019.

NASCIMENTO, Cecília Vieira do. **Caminhos da docência: trajetórias de mulheres professoras em Sabará Minas Gerais (1830-1904).** 2011. 231f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, 2011. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/FAEC-8M5GKC>>. Acesso em jun. de 2019.

NICOLETE, Jamilly Nicácio; ALMEIDA, Jane Soares de. Professoras e rainhas do lar: o protagonismo feminino na imprensa periódica (1902-1940). **Educ. rev.**, Curitiba, n. spe.2, p. 203-220, 2017.

NÓBREGA-THERIEN, Sílvia Maria; THERIEN, Jacques. **Os trabalhos científicos e o estado da questão: reflexões teórico-metodológicas.** Estudos em avaliação educacional, v. 15, n. 30, jul. - dez. 2004.

OLIVEIRA, Arlete dos Santos. **Mulheres negras e educadoras: de amas-de-leite a professoras. Um estudo sobre a construção de identidades de mulheres negras na cidade de São Paulo.** 2009. 262f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo - USP, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11092009-160324/pt-br.php>>. Acesso em jun. de 2019.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PINHEIRO, Dimitri. Jogo de damas: trajetórias de mulheres nas ciências sociais paulistas (1934-1969). **Cad. Pagu**, Campinas, n. 46, p. 165-196, 2016.

PRUDENTE, Maria das Graças Cunha. **O silêncio no magistério: professoras na instrução pública na província de Goyaz século XIX**. 2009. 146f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Católica de Goiás - PUC de Goiás, 2009. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/2254>>. Acesso em: jun. de 2019.

Scielo. Scientific Eletronic Library Online. Disponível em: <https://search.scielo.org/?fb=&q=%28mulheres%29+AND+%28professoras%29&lang=pt&count=15&from=1&output=site&sort=&format=summary&page=1&where=&filter%5Byear_cluster%5D%5B%5D=2018&filter%5Byear_cluster%5D%5B%5D=2012&filter%5Byear_cluster%5D%5B%5D=2015&filter%5Byear_cluster%5D%5B%5D=2016&filter%5Byear_cluster%5D%5B%5D=2010&filter%5Byear_cluster%5D%5B%5D=2013&filter%5Byear_cluster%5D%5B%5D=2011&filter%5Byear_cluster%5D%5B%5D=2014&filter%5Byear_cluster%5D%5B%5D=2017&filter%5Byear_cluster%5D%5B%5D=2008&filter%5Bsubject_area%5D%5B%5D=Human+Sciences&filter%5Btype%5D%5B%5D=research-article>. Acesso em jul. de 2019.

SILVEIRA, C. S.; NÓBREGA-THERRIEN, S. M. Estudos sobre pesquisa e formação de professores da Educação Básica: a elaboração do Estado da Questão. **Revista Educação em Questão**, v. 41, n. 27, 15 dez. 2011.

SOUZA, Candice Vidal e. Professoras de Antropologia em Minas Gerais: notas sobre a condição da margem. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 499-520, 2016.

TELLES, Antonia Marlene Vilaça. **História da Educação brasileira: a mulher como protagonista da educação no ideário Positivista 1880-1930**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2015. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/handle/tede/3274>>. Acesso em jun. de 2019.

VIEIRA, Débora Magali Miranda. **A Escola Normal da Bahia: saberes veiculados na formação das mulheres para o magistério (1890 - 1914)**. 2013. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/15230>>. Acesso em jun. de 2019.